

## **Características do gênero jornalístico nas crônicas do Jornal Correio do Estado<sup>1</sup>**

Cristina Ramos da Silva RIBEIRO <sup>2</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

### **RESUMO**

Este estudo aponta por meio de revisão teórica e análise de conteúdo, as características que fazem da crônica um texto jornalístico. Foram analisadas quatro crônicas publicadas pelo jornal impresso de maior circulação no Estado de Mato Grosso do Sul, o Correio do Estado, durante o período de 06 a 27 de março de 2018. A pesquisa constatou e evidenciou as características de atualidade, crítica social e relato do cotidiano que permitem classificar a crônica como um formato de gênero jornalístico e delimitar a fronteira com o gênero literário.

**PALAVRAS-CHAVE:** gêneros jornalísticos; crônica; jornalismo; impresso.

### **Crônica: entre o jornalismo e a literatura**

Quem ensina texto jornalístico sabe que a crônica, conceituada por Melo (2003, p. 162), como “relato poético do real”, sempre intriga os estudantes devido à tênue fronteira entre o gênero jornalístico e o gênero literário. Assim como os jornalistas em formação, os teóricos do jornalismo e mesmo os da literatura também se preocupam com a classificação deste texto, situado entre os limites da informação de atualidade e a narração literária.

Exemplificar as características que fazem da crônica uma prática jornalística se torna importante para contribuir com a certeza de que no jornalismo brasileiro ela é um gênero plenamente definido e exercitado. Nos anos 80, quando deu início à sua taxonomia sobre os gêneros jornalísticos praticados no Brasil, José Marques de Melo evidenciava que a configuração contemporânea da crônica brasileira proclamava que “se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrado equivalente na produção jornalística de outros países” (MELO, 2003, p. 148). Apenas em Portugal, as características da crônica

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1- Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 13 a 15 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Professora Substituta no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestra em Estudos de Linguagens (UFMS -2012), graduada em Jornalismo (UFMS-1997) e-mail: [cristinaramos@globocom.com](mailto:cristinaramos@globocom.com).

---

produzida se aproximam da praticada no Brasil. No jornalismo Português, assim como no brasileiro, os fatos são um pretexto para o autor da crônica. “Este gênero jornalístico é o que mais contatos tem com os gêneros literários clássicos” (LETRIA e GOULÃO 1985. p. 85 *apud* MELO, 2003, p. 151).

Silva (2017) também evidencia que a crônica é um gênero pertencente, ao mesmo tempo, a dois universos: o do jornalismo e o da literatura. A autora explica que por mais incoerente que pareça, mesmo existindo nesses dois universos, não se enquadra no jornalismo literário<sup>3</sup>. “Suas observações são livres, e ele não tem a pretensão de mostrar os vários aspectos que compõem um fato. Ao contrário, é mais provável que se atenha a um só aspecto” (SILVA, 2017, p. 186).

Entre os 23 formatos dos cinco gêneros jornalísticos, que segundo a taxonomia de José de Marques de Melo e os pesquisadores que o seguem, estão em exercício no jornalismo brasileiro, a crônica, faria parte das intenções jornalísticas de fazer uma leitura do real, com a vontade receptiva de “saber o que se pensa sobre o que se passa”, que o jornalismo opinativo imprime.

Quando realizou um diagnóstico dos gêneros praticados no país, a partir da observação de jornais impressos com maior circulação nas cinco macrorregiões brasileiras, Costa (2010) verificou que entre os textos mensurados e classificados como opinativos, a crônica ocupou 0,5%. Sobre essa forma discursiva, o autor, afirma que se apresenta nos jornais regionais trazendo um relato de fato da realidade, com vertente poética ou literária, escrita em estilo mais livre que outros gêneros opinativos.

Um fato do cotidiano, uma notícia de jornal, são motes para que o cronista – que pode ser do corpo de profissionais do veículo ou colaborador – empregue seu talento no desenvolvimento de uma argumentação com recursos literários, valoração de personagens, cenas e comportamentos, para tecer, quase sempre, uma leitura crítica da sociedade (COSTA, 2010, p. 253)

No quadro de formatos do jornalismo opinativo classificados por José Marques de Melo, segundo Costa (2010. p. 65), a crônica fica assim definida e caracterizada:

---

<sup>3</sup> A autora nomeia jornalismo literário como “uma variação da reportagem que combina forma literária com conteúdo jornalístico. O autor parte de uma apuração detalhada e exaustiva para contar uma história- ou para falar de um personagem-, utilizando um estilo de texto muito trabalhado, ainda que pareça simples” (SILVA, 2017, p. 160)

Quadro 1: Definição e Características da Crônica

<b>Formato</b>	<b>Definição e Características</b>
Crônica	Formato genuinamente brasileiro, corresponde a um relato poético do real. Gira permanentemente em torno da atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda a produção jornalística. Conversa aparentemente fiada, em torno de questões secundárias, constitui um momento de pausa, que reflete a trégua necessária à vida social. Hegemônica na imprensa, encontra também espaço no rádio e começa a florescer na Internet.

Fonte: Costa (2010)

No entanto, a finalidade opinativa de dar valor à realidade fica sublimada por baixo das generosas características literárias do texto. Silva (2017) acredita que no espectro dos textos jornalísticos, a crônica poderia entrar na categoria da opinião, mas não compartilha com esta “a seriedade e o compromisso de conduzir o leitor por determinado raciocínio. Falta à crônica a ambição do artigo de opinião. Sua intenção é outra: é divertir, comover, fazer rir”. (SILVA, 2017, p. 186).

### **Percurso do gênero jornalístico crônica no Brasil**

Foi como folhetim, aquele espaço que os jornais confiavam aos poetas e ficcionistas para semanalmente registrar acontecimentos do período, que a crônica surgiu no jornalismo brasileiro. Francisco Otaviano, foi o primeiro escritor deste gênero no país, em 1852, quando assinava o folhetim semana do Jornal do Commercio. Outros escritores da época como Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia e Coelho Neto, “não tendo condições de viver da literatura, recorriam à imprensa como fonte de sustentação. A imprensa pagava mal, mas pagava em dia. E era também a oportunidade para que os homens de letras conquistassem um público permanente” (MELO, 2003, p.153).

Melo (2003) explica que o folhetim, naquele período, não possuía as características da crônica de hoje. Era uma seção do jornal que quebrava a rotina e o estilo pesado das notícias cotidianas e reunia comentários sobre os mais diferentes assuntos. Com o tempo o folhetim se libertou da divisão de variedades e transformou-se em crônica.

Machado de Assis passou a dar “brasilidade” ao texto, incorporando a linguagem coloquial às suas narrativas do cotidiano da sociedade da época e “abandonando pouco a pouco o estilo empolado e discursivo da prosa jornalística e literária de então” (MELO, 2003 p. 153).

---

Cândido (1980, citado por MELO, 2003, p. 153) explica que foi a partir da década de 30 do século passado que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil. “...gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com seus rotineiros e seus mestres. Nos anos 30 se afirmaram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade”. Segundo o autor, foi nesse período que surgiu o cronista que se voltou praticamente para este gênero: Rubem Braga.

Dois marcos, segundo Cândido, influenciaram o panorama cultural do país e impulsionaram a definição de uma crônica genuinamente brasileira. A Semana de Arte Moderna em 1922, com seu movimento de brasilidade e aproximação da literatura para temas da realidade nacional, significou uma mudança também nos padrões do estilo jornalístico. Nesse período foi evidente também o desenvolvimento da imprensa, com jornais diários das grandes cidades assimilando feições empresariais e padrões da imprensa europeia e norte-americana. “Nesse quadro a crônica adquiriu um lugar especial” (MELO, 2003, p. 155). O autor classifica dois tipos de crônicas modernas que giram em torno da atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda a produção jornalística:

Se a crônica de costume se valia do real (fatos ou idéias do momento) simplesmente como “deixa” ou como inspiração para um relato poético ou para uma descrição literária, a crônica moderna assume a palpitação e a agilidade de um jornalismo em mutação. Ela figura no corpo do jornal não como objeto estranho, mas como matéria inteiramente ligada ao espírito da edição noticiosa. (MELO, 2003, p. 155).

Silva (2017) explica que na crônica brasileira moderna todos os temas são permitidos. A informalidade não diminui o empenho que o autor precisa ter para conseguir um texto correto, de leitura fluente, com o ritmo sendo mantido do primeiro ao último parágrafo, e que todos eles estejam elegantemente conectados uns aos outros. “O apelo fácil ao deboche ou ao sentimentalismo não funciona na crônica, que é por excelência, o gênero da sutileza e da delicadeza. (SILVA, 2017. p. 186)

A melhor maneira, segundo a autora, de entender a crônica e aprender a produzir textos desse formato “é lendo os melhores cronistas”. Ela elaborou uma lista com escritores de períodos diferentes da história do gênero no Brasil, que foi transformada no quadro abaixo:

Quadro 2: Cronistas ao longo da história

<b>Cronista</b>	<b>Período</b>	<b>História e Estilo</b>
Joaquim Manuel de Macedo	1820-1882	O autor de A moreninha escrevia crônicas longuíssimas, como era de costume no século XIX. Por vezes vários temas se sucediam dentro de um só texto. Ainda assim, a leitura de suas crônicas é ligeira e agradável. Os temas que abordava eram extraídos do que ele via nos passeios pelas ruas da então capital federal.
Lima Barreto	1881-1922	Nos textos para jornais, assim como nos romances, exercia a crítica da sociedade que o cercava, pois a considerava preconceituosa contra os pobres e negros e focada nas aparências.
João do Rio	1881-1921	Usou o texto esmerado para falar dos ricos e dos pobres que encontrava no Rio de Janeiro no começo do século XX. Também fez reportagens, as quais redigia no formato de crônica de costumes.
Cecília Meireles	1901-1964	É mais lembrada pelos poemas, mas escreveu muitas crônicas carregadas de lirismo, que eram publicadas em jornais.
Carlos Drummond de Andrade	1902-1987	Tem uma vasta produção de crônicas que podem ser lidas em várias coletâneas. O texto impecável tendia para o lirismo. Falava de crianças, de seu dia a dia, de notícias publicadas pelos jornais.
Rubem Braga	1913-1990	Era dono de um texto poético e de uma visão irreverente do mundo e reverente da natureza. Comentava tanto notícias de jornal quanto cenas que via nas ruas. É dele a seguinte definição: “Crônica é viver em voz alta”. Quase 30 anos após sua morte, ainda é reconhecido como o maior cronista brasileiro.
Elsie Lessa	1914-2000	Escreveu por 50 anos para o jornal O Globo com a falta de cerimônia de quem redige uma carta para amigos. Infelizmente, seus livros são encontrados apenas em sebos, mas compensam o esforço que se faz para encontrá-los.
Nelson Rodrigues	1912-1980	Dramaturgo e jornalista esportivo, fez muitas crônicas de costume, nas quais comentava o comportamento da sociedade, frequentemente recorrendo aos mesmos personagens, como o Cretino Fundamental e o Sobrenatural de Almeida.
Paulo Mendes Campos	1922-1991	Em suas crônicas conta episódios que viveu enquanto trabalhava como jornalista. Também escreveu sobre amigos em textos que estão entre a crônica e o jornalismo literário. Conseguia se revelar culto sem ser pretensioso.
Sérgio Porto	1923-1968	Usou o pseudônimo Stanislaw Ponte Preta. Sua marca era a irreverência, que tornava as crônicas divertidas. Com

		frequência, dividia o texto em notas para abordar vários temas.
Clarice Lispector	1920-1977	Dominava a técnica de escrever como se conversasse. Seu tom é despojado e revelador, de forma muito sutil, de sua intimidade.
Otto Lara Resende	1922-1992	Fez de tudo no jornalismo, inclusive entrevistas para a televisão, e se adaptou aos novos tempos de textos aos escrever crônicas para a página três da Folha de S. Paulo. Muitas de suas frase, tanto as que escrevia quanto as que dizia aos amigos durante conversas ficaram famosas (como esta: “Leio muito. Não sou inteiramente uma besta porque sempre tive insônia”).
Carlinhos Oliveira	1934-1986	Escreveu por mais de 20 anos no Jornal do Brasil. Suas crônicas foram reunidas em livros, hoje esgotados.
Fernando Sabino	1923-2004	Em companhia de Rubem Braga, foi reconhecido como um dos renovadores da crônica brasileira. Apesar da carreira longa como cronista, hoje é mais lembrado pelos romances <i>O grande Mentecapto</i> e <i>O encontro marcado</i> .

Fonte: Silva (2017)

### Categorias de Análise

Fundado em fevereiro de 1954, o jornal Correio do Estado tem 64 anos de circulação em Mato Grosso do Sul e é segundo Fernandes *et al* (2016) o principal jornal do Estado, pois “verifica-se que atualmente em Campo Grande e na região, o periódico tem grande importância social, na produção de conhecimento através da informação, e uma influência política e ideológica, pois trata-se do principal jornal diário de MS.” (FERNANDES *et al*, 2016, p. 10)

Segundo os autores, que traçaram o perfil deste veículo de comunicação, a história do Correio do Estado teve origem política, afinal o impresso foi criado por um grupo ligado ao partido conservador União Democrática Nacional (UDN), com o objetivo de disseminar os discursos do partido. Seis décadas depois o Correio do Estado possui estrutura de um grande jornal, com uma equipe de mais de 140 funcionários e correspondentes em Brasília (DF), e no município de Três Lagoas (MS).

O periódico que nasceu com mais de dois mil exemplares vespertinos diários, tabloide e oito páginas, atualmente circula de segunda a sábado com mais de trinta páginas. Segundo os pesquisadores, é o jornal em circulação com maior tiragem do Estado. Possui quatro cadernos e todas as páginas são coloridas.

Para exemplificar as características que fazem da crônica um gênero jornalístico, foram analisados quatro textos publicados no Correio do Estado durante o mês de março

[Digite aqui]

de 2018. O veículo de comunicação destina as terças-feiras para a publicação produzida por três cronistas fixos: Maria Adélia Menegazzo<sup>4</sup>, Raquel Naveira<sup>5</sup> e André Luiz Alves<sup>6</sup>. A cada semana os escritores se revezam nas publicações que têm espaço fixo nas páginas 4 ou 5 do Caderno Cultural do periódico, denominado Correio B.

Conforme Melo (2003) “que a crônica é um gênero jornalístico constitui questão pacífica”. Isto por ser produto do jornal, porque dele depende para a sua expressão pública, vinculada à atualidade, “...porque se nutre dos fatos do cotidiano, a crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva” (MELO, 2003, p. 160).

Para analisar o corpus científico composto pelas crônicas publicadas no jornal Impresso Correio do Estado e verificar as evidências como gênero jornalístico, foram consideradas as características fundamentais da crônica moderna expostas por Melo (2003):

Assim sendo, a crônica moderna configura-se como gênero eminentemente jornalístico. Suas características fundamentais são:

- 1) Fidelidade ao cotidiano, pela vinculação temática e analítica que mantém em relação ao que está ocorrendo, aqui e agora; pela captação dos estados emergentes da psicologia coletiva.
- 2) Crítica social, que corresponde a “entrar fundo no significado dos atos e sentimentos do homem”. Diz Antônio Cândido que essa tarefa o cronista realiza de modo dissimulado, pois ele mantém o “ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência”. Esse é um traço essencial da crônica moderna, que assume o ar de “conversa fiada”, de apreciação irônica dos acontecimentos, deixando de ser o comentário mais ou menos argumentativo e expositivo”, que se praticava nos fins do século XIX. (MELO, 2003, p. 156)

A função do cronista especificada pelo autor como aquele que “sabe atuar como consciência poética da atualidade “(Melo 2003) e também aquele que mantém vivo o interesse do seu público, convertendo a crônica em algo desejado pelos leitores, foi um

---

<sup>4</sup> Maria Adélia é graduada em Letras (Português-Francês) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus de Araraquara (1978), possui mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (1987) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus de Assis (1996). Professora aposentada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Tem cadeira na Academia Sul-mato-grossense de Letras.

<sup>5</sup> Naveira é graduada em Letras pela Universidade Católica Dom Bosco (1994), tem graduação em Língua, Literatura e Civilização Francesas pela Universidade de Nancy (1981), graduação em Direito pela Universidade Católica Dom Bosco (1976), mestrado em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2001). Foi professora titular da Universidade Católica Dom Bosco, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, por dezenove anos. É escritora, com vários livros de poesias e de ensaios publicados e colaboradora de jornais e revistas. Tem cadeira na Academia Sul-mato-grossense de Letras.

<sup>6</sup> Escritor com dois livros publicados, formado em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda pela Unisa.

dos critérios analíticos do conteúdo. Para Melo os escritores de crônica nos jornais atuam como mediadores literários entre os fatos que estão acontecendo e a psicologia coletiva.

## Fidelidade ao Cotidiano e Atualidades

As crônicas publicadas no Jornal Correio do Estado durante o período de análise estão ancoradas com a realidade por meio das vivências narradas pelos escritores em seus textos. Todas apresentam relatos de ocasiões, acontecimentos, presenciados pelos autores em trechos de suas vidas. Em um período de tempo que se não for o agora, está marcado no recente “ontem”. Isto é, as memórias apresentadas, mesmo quando se referem a um passado mais distante, estão sempre amarradas ao eu atual dos cronistas. Isto porque eles emprestam da literatura, o constante ir e vir no foco da narrativa, as chamadas digressões.

Menegazzo (2018), por exemplo, nas duas crônicas que publicou, “Encantado” e “P de Poesia” discorre sobre experiências vividas no presente, mas volta em momentos de sua infância e até mesmo para um tempo em que sequer existia. É o caso da crônica “P de poesia” em que ela conta a história da descoberta de poemas com autoria famosa, redigidos por seu pai em um caderno de recordações, na época em que ele era solteiro e queria espantar a solidão após uma mudança profissional, nos anos de 1946-1948.

Imagem 1: crônica “P de Poesia”



Fonte: Jornal Correio do Estado

Nesta crônica, a autora mostra que o passado de leitor de poesias do seu pai, está ligado ao tempo presente de professora de teorias literárias, da filha cronista. Esta, que [Digite aqui]

---

ensina versificação, no terceiro milênio, exatamente com o poema redigido e apreciado por seu genitor no século passado:

No caderno do meu pai, Bandeira se faz acompanhar de Cecília Meireles, Florbela Espanca e, claro, de muitos outros poetas romântico parnasianos. Até Machado de Assis está lá. No entanto, o que eu gostei, mas gostei mesmo, foi de saber que, em casa, alguém mais, antes de mim, perdeu tempo com a poesia. P de pai, também. (MENEGAZZO, 2018, p. 5).

Cenas do cotidiano estão sempre sendo narradas, com descrição de ambientes e detalhes apurados pelos sentidos dos cronistas. “Nunca tinha aberto aquele caderno porque me lembro que ficava guardado num lado da estante que não me atraía a atenção, entre enciclopédias, livros de História e de Medicina Natural. Pensava que fosse mais um caderno de anotações”, relembra Menegazzo (2018, p. 5) em “P de Poesia”.

Em outra crônica, “Encantado”, a autora explica como a vida é feita de trilhas sonoras que deixam marcas e funcionam como gatilhos para a memória. Ela inicia o texto voltando à infância, onde “a mãe cantava e cozinhava feijão e arroz soltinho” e as cantigas de roda embalavam as brincadeiras, muito mais pelo ritmo, que pelas letras. Depois de lembrar de momentos e suas músicas entoadas por cantores marcantes, a autora mostra a atualidade, com o fato do show recente a que compareceu.

Vai daí que eu fui assistir ao show Caravelas, do Chico. Lotado! Começou com “Retrato em branco e preto” e foi alternando com as músicas mais recentes. Pude perceber o quanto cada música remete a um momento da vida. Deixa em paz meu coração, que ele é um pote até aqui de mágoa, por exemplo, me plantou no Teatro Municipal de Araraquara, com Bibi Ferreira, em “Gota d’água”. (MENEGAZZO, 2018, p. 4)

Em outro momento da crônica, a ênfase de que o texto se remete ao atual, Menegazzo (2018) cita a entrega do Oscar que havia acontecido dois dias antes da publicação. “E por falar em trilha sonora, teria dado o Oscar para “A forma da água”, só nesta categoria. Da imbatível e inesquecível “You’ll never know” à delicada “La Javanaise”, de Madeleine Peyroux, tudo cola na narrativa fantástica do filme” (MENEGAZZO, 2018, p. 4)

Imagem 2 : Crônica “Encantado”



Fonte: Correio do Estado

Na crônica exposição poética<sup>7</sup> que publicou, intitulada “Redes”, Naveira (2018) trabalha uma trama poética, que narra o amálgama de redes a que o cidadão comum está aprisionado e que só pode ser driblado com a contemplação. O parágrafo inicial do texto coloca o leitor em uma cena cotidiana da Capital de Mato Grosso do Sul, a dos vendedores ambulantes de redes em sua tentativa de comércio pela cidade.

Os vendedores de redes se multiplicaram pela cidade. Aproveitam as grades nas esquinas, os troncos das árvores e penduram com ganchos e argolas os leitos balouçantes, coloridos, bordados, com abas e franjas. Depois de examinar as fibras e os punhos, decidi-me por uma rede grande, de algodão cru, capaz de abrigar um casal no umbral da casa. (NAVEIRA, 2018, p. 5)

O fluxo da consciência, de um homem de 50 anos, e suas considerações sobre a vida, costumam a crônica “A inexactidão de certas coisas inexatas”, publicada por Alves (2018). O autor insere o leitor em um pequeno trecho de sua existência e dá ao receptor o poder de “escutar os pensamentos” do narrador.

Desconheço o nome do poeta que discorreu sobre a inexactidão das coisas da vida. Sei, entretanto, ser arte de latino. Somente um poeta latino é capaz de exaltar a inexactidão de certas coisas exatas. Mas, afinal, por qual motivo estou divagando sobre isso, aqui sentado na

<sup>7</sup> A crônica exposição poética, faz parte da classificação do autor Antônio Cândido, que dividiu as diferentes formas de crônicas encontradas por ele no jornalismo brasileiro. É uma divagação livre sobre um fato ou personagem; cadeia de associações. O autor identifica ainda a crônica-diálogo, crônica narrativa e crônica biografia lírica.

[Digite aqui]

mesa de um bar, esperando a espuma do chope baixar? Tenho o costume de falar comigo mesmo, geralmente coisas sem sentido, inexatas; sempre na primeira pessoa, algo assim: “Está vendo só, coisa mais estranha aquela planta tímida que só o vento fecunda...”. ( ALVES, 2018, p. 5)

Personagens são descritos em seus detalhes físicos e dão suporte para que o autor comente, pela ordem de aparecimento no texto, a “inexatidão das coisas” e as poucas certezas que o escritor tem. Homens e mulheres jovens, atuais, com tatuagens, piercings e sorrisos metálicos produzidos pelos aparelhos nos dentes, fazem o contraste com o cronista-pensador que questiona seu encaixe nesse mundo.

Imagem 3: Crônica “A inexatidão de certas coisas inexatas”



Fonte: Correio do Estado

## Crítica Social

A “conversa aparentemente fiada”, que gira em torno de questões secundárias, não vinculadas ao espectro noticioso, como aponta Cândido (*apud* MELO, 2003, p. 155), é

[Digite aqui]

uma das fundamentais características do formato de gênero jornalístico crônica. Esse texto é um momento de pausa para o leitor, “reflete a trégua necessária à vida social”.

No entanto, apesar do tom frívolo, os cronistas, ao reportar sentimentos e atos da humanidade fazem a crítica social, uma apreciação irônica dos acontecimentos, com argumentos não explícitos, mas que tocam o leitor e deixam a reflexão: como não pensei nisso antes?

Imagem 4: Crônica Redes



Fonte: Correio do Estado

No período de análise das crônicas publicadas no Jornal Correio do Estado, essa característica do gênero jornalístico ficou evidente. Os autores tocaram em temas que precisam ser refletidos pela sociedade. Como fez Naveira (2018) em “Redes”. Em meio a metáforas e comparações poéticas, a autora tratou das conexões tecnológicas que permeiam e entrelaçam a sociedade, aprisionando o ser-humano em um cotidiano cada vez mais ameaçador e que afasta o cidadão da contemplação da natureza e do contato pessoal. A mensagem social não é passada de forma direta, está nas entrelinhas de seu relato poético da realidade, deixando ao leitor suas conclusões.

Dentro da rede, fixos nas estrelas, pensamos por instantes que fugimos dos limites desta Terra. Que estamos fora das redes, das organizações secretas, das estruturas de conexão, das senhas e dos códigos, das mensagens e informações. Que engano! A rede faz-se e desfaz-se em nuvens, rapidamente, porosa, aberta, independente de vontades, sugando expectativas, amortecendo choques e quedas. Sistema reticulado ao qual cedemos nossas identidades, como fantasmas marcados e eternamente seguidos. Não importa que haja alguém sempre à espreita para melhor lançar a rede no momento propício em nossa direção. Estamos protegidos. O reino do céu dentro de nós é nossa rede de segurança, nossa salvação. Adquiri uma rede boa, tecida em grosso

[Digite aqui]

---

tear. Fiquemos juntos nesta hora incerta de fim de mundo. O melhor lençol será sempre a noite fechada. (NAVEIRA, 2018, p. 5).

Na crônica de Menegazzo (2018), “Encantado”, também há uma crítica velada ao momento social do Brasil em que grupos sociais de ideologias politicamente opostas se atacam e há uma ode ao politicamente correto. Chico Buarque, cantor citado pela cronista, como marcante em sua vida, recentemente foi alvo de ataques ao lançar a música “Tua cantiga”, devido ao trecho: “Quando teu coração suplicar/Ou quando teu capricho exigir/Largo mulher e filhos e de joelhos vou te seguir”.

A ideia da família abandonada não foi bem recebida por muitas feministas. Para muitas mulheres, a letra representaria uma ideia de romantismo ultrapassada. A canção faz parte do show que a cronista assistiu e relatou em seu texto. “E com ele é assim, sem intervalo, durante uma hora e meia ouvindo boleros, blues, sambas e muitos outros ritmos. Sem mimimi. Só a música em suas várias faces: a do político, a do amante, a do amigo.” (MENEGAZZO, 2018, p. 4). Que finaliza seu texto, com trecho veladamente de apoio ao artista no episódio que sequer foi citado na crônica. “No mais, com a música me invadindo por todos os lados, se eu me encontrasse com o Chico cara a cara, ia dizer que “apenas seguirei como encantada ao lado seu”.

### **Considerações Finais**

Por meio da análise do conteúdo jornalístico publicado no jornal Correio do Estado foi possível evidenciar as principais características apontadas pelos teóricos estudados, que fazem da crônica um gênero jornalístico: relato do cotidiano, atualidade, e crítica social. As narrativas publicadas durante o período mostram claramente essas categorias de análise em sua estrutura.

Percebeu-se a evidente fronteira que este gênero jornalístico faz com o gênero literário. No entanto, apesar da manifestação clara da subjetividade de seus autores, do empréstimo de recursos estruturais e narrativos da literatura e da liberdade de não esclarecer todos os aspectos dos temas que trata, como em uma reportagem, ficam explícitas as intenções jornalísticas de relatar a realidade por meio das crônicas.

As pinceladas de opinião, que fizeram teóricos como Melo (2003) classificar a crônica como formato de texto do gênero jornalístico opinativo também foram constatadas.

---

## REFERÊNCIAS

ALVES, André Luiz. A inexatidão de certas coisas inexatas. *Correio do Estado*, Campo Grande, edição 20.506, ano 65, p. 5, 20 mar. 2018. Disponível em: <<http://flip.correiodoestado.com.br/pub/correiodoestado/?numero=20506&edicao=35062#page/21>> Acesso em: 30 abr. 2018.

CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler*. Vol V, Crônicas, São Paulo, Ática, 1980.

COSTA, Lailton Alves. Gêneros Jornalísticos. In: ASSIS, F. (Org.) ; MARQUES DE MELO, J. (Org.) . *Gêneros jornalísticos no Brasil*. 1. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p.43-83.

\_\_\_\_\_. Outros gêneros em jornais regionais. In: ASSIS, F. (Org.) ; MARQUES DE MELO, J. (Org.) . *Gêneros jornalísticos no Brasil*. 1. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. P. 225-268.

FERNANDES, Mário Luiz et al. A história da imprensa de Mato Grosso do Sul e a construção do perfil do jornal *Correio do Estado*. In: 3º Encontro Centro-Oeste de História da Mídia, 2016, Campo Grande. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/o-jornal-correio-do-estado-de-campo-grande-no-processo-de-divisao-de-mato-grosso-do-sul/view>> Acesso em: 30 abr. 2018.

SILVA, Marleth. Técnicas de redação e edição na imprensa [livro eletrônico]/ Marleth Silva. Curitiba: Intersaberes, 2017. (série Excelência em Jornalismo) 2 Mb; PDF.

LETRIA, José Jorge. GOULÃO, José. *Noções de Jornalismo*. Lisboa Livros Horizonte, 1982.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro/ José Marques de Melo*. – 3.ed. rev. e ampl. – Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MENEGAZZO, Maria Adélia. Encantado. *Correio do Estado*, Campo Grande, edição 20.494, ano 65, p. 4, 06 mar. 2018. Disponível em: <<http://flip.corr.eiodoestado.com.br/pub/correiodoestado/?numero=20494&edicao=34908#page/14>> Acesso em: 30 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. P de poesia. *Correio do Estado*, Campo Grande, edição 20.512, ano 65, p. 5, 27 mar. 2018. Disponível em <<http://flip.correiodoestado.com.br/pub/correiodoestado/?numero=20512&edicao=35136#page/15>> Acesso em: 30 abr. 2018.

NAVEIRA, Raquel. *Redes*. *Correio do Estado*, Campo Grande, edição 20.500, ano 65, p. 5, 13 mar. 2018. Disponível em <

[Digite aqui]



---

<http://flip.correiadoestado.com.br/pub/correiadoestado/?numero=20500&edicao=34985#page/15>> Acesso em: 30 abr. 2018.